

Coisas inventam pois há sempre alguém, imaginando o que o outro pode ser. E às vezes na mentira se detém ao fazer falsamente o ouvinte crer, naquilo que ele inventa por desdém, sem nem ser difamado conhecer. Fala de coisa que não lhe cai bem, detonando o inocente por prazer. Mas nem tudo o que fala da pessoa, consegue ter um fundo de verdade. Por isso, fofoqueiro, numa boa, manera a tua língua viperina, que fala ousadamente sem piedade, pondo a moral dos outros em ruína. Analise Feitoza de Lima, Aos fofoqueiros.

Minha Velhice entrou devagarinho, com timidez e disse, delicada: – Não poso ver-te, triste, assim sozinho, farei contigo o resto da jornada. Simpática. Sabia o meu caminho. Não era feia, estava, sim, cansada. – Pois venha! – Dei-lhe um cálice de vinho. Bebericou, sem se fazer rogada. Noite gelada... Fogo na lareira... conversamos... Que grande companheira! (anfítrio, dos bons, eu sei que sou) – Fique, conversaremos mais, agora – Minha Velhice, titubeando embora, conversa vai... contigo vem... ficou. Miguel Russowsky, Noite gelada... um cálice de vinho...

Diplomas, velhos álbuns ressequidos, medalhas de vitórias conquistadas, repousam, todos eles, esquecidos, no fundo de gavetas desgastadas. A certo tempo, foram merecidos... Hoje, relembram honras já passadas; prazeres tão fugazes, tempos idos, do vate, com histórias já cansadas. Que lhe adiantam os louros de vitórias, ao longo da existência, triunfantes, na apoteose de horas bem distantes...? Contam-se as lutas e se contam as glórias, evocativas de passadas eras, tantos lauréis, no fosso das quimeras! Walter Argento, Glória e desalentos...

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 05 – 2013 MAIO
Assinatura até 31.12.13: 07 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

El cuerpo crece poco a poco, como las plantas. He aquí la naturaleza. El alma crece de repente, apenas ama. He aquí el milagro. Es como la luz solar. ¡Crecimiento que cuando se percibe, ya ha cruzado El cielo!

Flores y pájaros tiene la Primavera. ¡Lo mismo tú, oh Amor! Mujeres, encantad. ¡Poetas, armonizad!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Tem cão que mora num morro e outro morando em mansão... Porque nem todo cachorro leva uma vida de cão!
Ademar Macedo, 1302
Trevo na Trova
UBT – Seção de Taubaté/SP

“O que é o amor” me perguntas, e, em coro os anjos entoam; “São duas pessoas juntas que se amam, e se perdoam!”
Eduardo A. O. Toledo, 1101 Trinos do Pitiguari: Rua Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Não botem fogo na cana – peço ecologicamente –, que a cana boa e bacana é que põe fogo na gente!
Héron Patrício, 1208 Trovaegre Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Tu és linda, na verdade. Porém, para meu desgosto, na alma não tens metade da beleza do teu rosto...
Luiz Otávio, 1101 Trovia alkaulu77@gmail.com; visite: www.falandodetrova.com.br

Fim da guerra... Quem venceu? Porém, o clarim da Vitória mas... a mãe de quem morreu não se importa com a Glória.
Nide Fontana Beccaccia, 1303 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Enquanto na rua a gente é pierrô, é arlequin um carnaval diferente soluça dentro de mim.
Zelito Magalhães, 1302 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

A favela é lá no alto e muito farta contudo. Farta esgoto, farta asfalto, farta luz e... farta tudo!

Maria é um resto somente no cais, largada ao desdém... ontem – mar de tanta gente... hoje – porto de ninguém!...

Respeita as dores e anseios na igualdade que proclama e vê que os dramas alheios são dos outros... mas são dramas!

Num mau-humor quase eterno, há quem, no viver sombrio, faz da vida um grande inverno... depois reclama do frio!

Ela voltou de surpresa e eu pude assim, num só dia, após chorar de tristeza também chorar de alegria!

É catarata... enfisema... Minha sogra é problemática! A velha tem mais problema que prova de Matemática!

Arlindo Tadeu Hagen, Trova Brasil nº 1, dez/2012 – http://singrandohorizontes.blogspot.com.br

Ih! em Português, não fica bem... Today's payday and a week ago was too.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Até o dia 30.05.13, enviar até 3 haicus de quigos: Frio, Ipê roxo, Mocho.
Até o dia 30.06.13, enviar até 3 haicus de quigos: Cata-vento (brinquedo), Dia da Imprensa, Pandorga.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIAS DE OUTONO – TEMAS DE OUTONO

Pássaros pousados nos braços do espantalho. Menino assustado.
Cecy Tupinambá Ulhóa

Fim de feira vendedor apressado caqui no asfalto.
Edmilson Felipe

Um buquê à mão de flores no aeroporto aguarda o “avião”.
Fernando Soares

Floresta festiva. Flores serenas araras inquietas.
Flávio Henrique Velasco

Festa no interior. Milho verde pra pamonha. Da sobra o curau.
Nadry Leme Ganzert

Voo noturno aeromoça feliz é o seu Dia.
Therézinha Válio

Na tarde dourada brilham boninas em flor colorindo a estrada.
Walma da Costa Barros

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Ao cair da tarde, revoada de jandaia, em toada de muito alarde. G
Alberto Siuffi
Arapuca, pássaro caminha. Guri puxa a corda.
Alberto Siuffi
Mexerica fresca agrada a criança. Fruta pitoresca...
Alberto Siuffi
Um rubro jardim, natureza exuberante! Cristas de galo. G
Djalda Winter Santos

Barulho no ar: passa um bando de jandaia. Parecem alegres. G
Djalda Winter Santos
Olhos fechados. Vovó come com prazer um rubro caqui.
Djalda Winter Santos
Noite de verão. Risco brilhante no céu: estrela cadente.
Djalda Winter Santos
Convidados bem vestidos no casamento de luxo. Cravo na lapela.
Djalda Winter Santos

Menina à janela apreciando os relâmpagos. Ignora o perigo...
Djalda Winter Santos
Filas de carros frente à igreja. Dia dos Animais. B
Manoel F. Menendez
Sobre suas folhas, eretas, as cristas-de-galo. G
Manoel F. Menendez
Duas jandaia sobre um galho. Juntas. G
Manoel F. Menendez

A copa florada de cor-de-rosa em vermelho da trapoeraba!
Manoel F. Menendez
Rede na praia, puxadas cadenciadas. Quantas sardinhas!
Manoel F. Menendez
Gritos no quintal do guri e da jandaia. Tarde quente. G
Marilena Budel
Dia dos Animais. No pavilhão desfile, um é meu. G
Marilena Budel

Crista de galo entre os vãos do cercado. Canto ao longe. G
Marilena Budel
Na tarde escura relâmpagos riscam o céu
Marilena Budel
Vacinação grátis no Dia dos Animais. Fila de latidos. B
Renata Paccola
Um cachorro ganha no Dia dos Animais tigelinha nova. B
Renata Paccola

Site comemora o Dia dos Animais – muitas adoções. G
Renata Paccola
Jovens comemoram o Dia dos Animais na escola rural. A
Roberto Resende Vilela
Manhã. Céu azul. Algazarra no arvoredor. Bando de jandaia. B
Roberto Resende Vilela
Folhas farfalhantes. Borboleta sobrevoa a crista-de-galo. B
Roberto Resende Vilela

Casa colonial. Na varanda ventilada, viça a trapoeraba.
Roberto Resende Vilela
Flores amarelas dançam ao sopro do vento. Vaso de crisântemo.
Roberto Resende Vilela
Paineira florida. Em dois corações gravados bica o pica-pau.
Roberto Resende Vilela
Criatividade no Dia da Aeromoça naves enfeitadas.
Roberto Resende Vilela

O C R I S T O D E N A N Q U I M

Ryunosuke Akutagawa 1892-1927, tradução de Antonio Nojiri, de Rashomon e outros contos, Edições Massao Ono: www.estantevirtual.com.br – Gentileza de José de Mathis, Zeca 06.04.1930-10.05.2006

CONCLUSÃO

Atrás de sua cadeira havia uma janela com um cortinado de “Koshá” pendente e, quiçá por existir um rio fora, sem cessar chegavam até onde ela se encontrava o murmúrio da água e o barulho dos remos. E isso pareceu-lhe Shinwai, que sempre virá desde criança. Mas onde se encontrava agora, devia ser, com certeza, a casa de Cristo que fica na cidade do céu.

Kinkwa parava, de tempos em tempos, de mexer o “hashi”, para olhar em volta. Entretan-

to, dentro do salão amplo, não se via uma sombra afora os pilares com escultura de dragão ou vasos de crisântemos gigantes a emergirem demasiadamente por entre o vapor que subia das iguarias.

Não obstante isso, em cima da mesa, quando se esvaziava um prato, imediatamente era trazido à sua frente, de algum lugar, nova iguaria, exalando plenamente quentes perfumes. Sem bem tomar consciência disso, antes de levar o “hashi” até o prato, acontecia por vezes de o faisão assado bater as asas e, derrubando as

garrafas de “Shokoshu”, voar estrepitosamente ao teto.

Depois de algum tempo, Kinkwa deu-se conta de que alguém se aproximara dela, por trás, silenciosamente. Por isso, com o “hashi” ainda à mão, voltou-se suavemente. Então, nesse lugar, inexplicavelmente, não encontrou a janela que julgava existir, mas, na cadeira de sândalo vermelho coberta de almofada de “Donsu”, sentava-se calmamente um estrangeiro desconhecido, com um cachimbo de latão à boca.

Ao primeiro olhar, Kinkwa reconheceu o

homem que veio pousar no seu quarto essa noite. Entretanto, um único ponto diferente havia, e era um anel de luz crescente, formado no ar, a uns trinta centímetros acima da cabeça do estrangeiro.

Nesse instante, outra vez um prato grande, do qual se levantava vapor, trouxe repentinamente, como brotando da mesa, uma iguaria que parecia deliciosa. Ela ergueu depressa o “hashi” e procurou apanhar as delícias do prato, mas, lembrando-se momentaneamente do estrangeiro que se encontrava atrás, olhou-o de revés, por

cima dos ombros, e dirigiu-se a ele cerimoniosamente.

– Não quer o senhor também vir aqui?

– Coma só você. Comendo isso, ficará boa da enfermidade ainda esta noite.

O estrangeiro encimado pelo círculo de luz, o cachimbo ainda à boca, deixou escapar um sorriso de amor infinito.

– Então o senhor não vai comer?

– Eu? Eu não gosto de comida chinesa. Você ainda não sabe quem sou? Até agora, Jesus Cristo nunca comeu comida chinesa.

Depois de assim falar, o Cristo de Nanquim afastou-se devagar da cadeira de sândalo vermelho e deu um beijo, por trás, no rosto aturdido de Kinkwa.

o o o

Quando despertou do sonho celeste, já a claridade da manhã outonal começara a se espalhar friamente dentro do quarto estreito. Mas, dentro do leito semelhante a um barquinho, de que pendia o mosquito poento, ainda restava um pouco de quentura e um diáfano manto de escuridão. O rosto virado um pouco para cima, desenhado na penumbra, continuava a esconder o redondo e adorável queixo num velho cobertor descorado. Entretanto, no rosto pálido, os cabelos oleosos tinham se grudado desordenadamente pelo suor da noite anterior, e, igualmente, do intervalo entre os lábios um tanto entreabertos, espriavam levemente esbranquiçados os finos dentes parecidos com grãos de arroz.

Ainda agora que já se achava desperta, Kinkwai tinha o pensamento a vagar errante na flor de crisântemo, no barulho da água, no faisão assado, em Jesus Cristo, e em outras recordações

do sonho. Mas, entretantes, com o clarear gradativo do leito, também nas cismas sonhadoras dela veio invadido a definida consciência de que, brutal realidade, tinha vindo ao leito a noite anterior com um esquisito estrangeiro.

“E se transmitir a ele a doença?”

A esse pensamento, repentinamente se lhe obscureceu o coração, e sentiu que, essa manhã, não suportaria enfrentar novamente o seu olhar. Todavia, desde que despertou, foi-lhe pior ficar sem ver nunca o saudoso rosto queimado de sol. Daí, após hesitar uns instantes, abriu medrosamente os olhos e fitou o leito já claro. Mas, contrariamente à sua expectativa, afora ela própria, que se achava encoberta pelo cobertor, não se via nem sombra de gente, o homem parecido com Cristo muito menos.

“Então será que aquilo também foi sonho?”

Nem bem repeliu o cobertor ensebado, Kinkwai ergueu seu corpo no leito. E, depois de coçar os olhos com as duas mãos, levantou o mosquito que pendia pesadamente e lançou ao interior do quarto seu olhar ainda sonolento.

No quarto, desenhavam-se os contornos de todas as coisas, sem mentiras, quase impietosamente, dentro da atmosfera fria da manhã. A mesa velha, o lampião apagado, depois a cadeira, da qual um dos pés estava caído ao soalho, outro voltado para a parede, – tudo se encontrava como na noite anterior. Até a cruz de latão emitia brilho baço por entre as sementes de melancia espalhadas na mesa. Kinkwai pestanejou e, percorrendo absorta o olhar em redor, por algum tempo não corrigiu a posição frente a que se sentara em cima do leito em desordem.

“Não era mesmo sonho”.

Murmurando, imaginou várias coisas a respeito

do destino enigmático tomado pelo estrangeiro. Naturalmente, não era nem preciso pensar, tinha a impressão de que enquanto dormia, devera ter saído sem barulho do quarto e se retirado. Entretanto, era-lhe menos inacreditável mas antes duro de crer que um homem como ele, que tanta carícia fizera, tivesse partido sem uma palavra de despedida. Além disso, até esquecera de receber daquele esquisito estrangeiro os dez dólares prometidos.

“Ou se fora embora de fato?”

Apertando o pesado coração, ela procurou vestir o casaco de cetim preto que se achava jogado sobre o cobertor. Mas, interrompendo subitamente o movimento das mãos, em seu rosto, a olhos vistos, começou a se ampliar um rubor vívido. Isso se deu porque ouvira os passos daquele estranho homem além da porta pintada? Ou, então, porque o cheiro de álcool que restou dele despertara casualmente a recordação da noite, deixando-a envergonhada? Não, Kinkwai percebeu que o milagre acontecido em seu corpo curou, numa noite, sem deixar vestígio, a sífilis, de natureza extremamente maligna.

“Então ele era Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Instintivamente, como estava, de roupa íntima, arrastou-se para perto do leito, a tropeçar; e, ajoelhada sobre geladas pedras, como a linda Maria de Madalena que conversou com o Senhor Ressuscitado, pôs-se a ofertar-lhe uma oração fervorosa...

– 3 –

Numa noite de primavera do ano seguinte, o jovem viajante do Japão que procurava So Kinkwa, achava-se separado desta por uma mesa, debaixo do lampião obscuro.

O C A B E L O

Yasunari Kawabata 1899-1972. Contos da palma da mão, *Kami*, 1924; tradução Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacaoliberalidade.com.br

Uma moça decidiu fazer um penteado.

Era uma pequena aldeia em meio às distantes montanhas.

Quando chegou à casa da cabeleireira, ela se surpreendeu. Moças de toda a aldeia encontravam-se ali reunidas.

Naquela noite, enquanto as cabeças das moças acabavam de ser enfeitadas por penteados *momoware*, um tanto mal feitos, uma companhia de soldados chegava à aldeia. Por decisão da prefeitura, a população hospedou em suas casas os soldados. Assim, todas as famílias, sem exceção, tiveram hóspedes naquela noite. Ter hóspedes era um acontecimento raríssimo. Por isso, as moças foram fazer seus cabelos.

É claro que nada aconteceu entre elas e os soldados. A compa-

nhia partiu na manhã seguinte subindo o caminho da montanha.

A cabeleireira, completamente exausta, resolveu tirar quatro dias de folga. Satisfeita com o trabalho realizado, ela pariu na mesma manhã que os soldados, transpondo a mesma montanha, balançando-se na carruagem, para se encontrar com o seu amante.

Assim que chegou a uma aldeia um pouco maior que a dela, do outro lado da montanha, a cabeleireira local lhe disse:

– Ah, que bom! Chegou na hora certa. Me ajuda aqui um pouco.

O salão dessa aldeia também estava cheio de moças montanhesas, que aguardavam a sua vez para pentear os cabelos.

E assim, até ao entardecer, ela fez os *momoware*. Depois, foi para a pequena mina de prata da aldeia, onde trabalhava seu

homem. Logo que o viu, a cabeleireira foi dizendo:

– Tenho certeza de que se eu for atrás dos soldados ficarei muito rica.

– Vais atrás do... quê? Tá me gozando? Você gosta mais dos frangotes vestidos de cáqui do que de mim? Burra!

E deu um safanão na cabeleireira.

Com uma doce sensação de entorpecimento no corpo extenuado pelo cansaço, ela fitou desafiante o seu homem.

Nesse instante, ouviu-se o som da corneta dos soldados que vinham descendo a encosta da montanha em marcha forçada. Um som límpido e cheio de vigor, que ecoava na penumbra da aldeia.

O S C A N Á R I O S

Yasunari Kawabata 1899-1972. Contos da palma da mão, *Kanariya*, 1924; tradução Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacaoliberalidade.com.br

Cara senhora,

fui obrigado a quebrar o nosso trato só mais uma vez, pois não pude deixar de escrever esta carta.

Não poderei mais criar os canários que a senhora me deu no ano passado. Quem cuidava deles era minha esposa. Cabia a mim apenas o trabalho de olhá-los. Olhá-los e me recordar da senhora.

Na época, a senhora me disse: “O senhor tem sua esposa, eu tenho meu marido. Vamos romper nossa relação. Se ao menos o senhor não tivesse esposa!” A senhora disse ainda: “Eu lhe ofereço estes canários como minha lembrança. Olhe só para eles! Repare que estes canários são marido e mulher. Sim, porque algum comerciante de aves pegou um macho e uma fêmea, sem nenhuma consideração, e os colocou na mesma gaiola. Os próprios canários não tiveram nada a ver com isso. De qualquer forma, peça-lhe que se recorde de mim vendo estes passarinhos. Pode parecer estranho presentear seres vivos como objeto de recordação. Mas nossas lembranças também têm vida. Os canários morrerão um dia; e também as lembranças que vivem dentro de cada um de nós. Quando chegar o dia em que devam morrer, deixaremos que morram.”

Informo-lhe que os canários estão para morrer. Porque não há mais quem cuide deles. Como sou um pobre e desleixado pintor, não tenho condições de cuidar dos delicados passarinhos. Direi com toda clareza: minha esposa, que os tratava, faleceu. É irônico reconhecer que ao morrer minha esposa, morrerão também os canários... Nesse caso, minha senhora, não foi minha esposa quem deu todo o amparo para que eu pudesse conservar suas lembranças?

Pensei na possibilidade de libertar os canários. Contudo, desde que minha esposa morreu, parece

que os passarinhos perderam, de súbito, o vigor das asas. Além do mais, não conhecem a liberdade. Tanto nesta metrópole como nos bosques próximos, não há pássaros da mesma espécie para que este casal possa voar em companhia deles. Caso se aventurassem em voar separados, é certo que morreriam logo – embora a senhora tenha me dito que eles não passam de um macho e uma fêmea apanhados por um comerciante qualquer de passarinhos, sem consideração nenhuma, e colocados numa mesma gaiola.

Por outro lado, não gostaria de vendê-los para um comerciante de aves; porque foi um presente que a senhora me deu. Também não quero devolvê-los à senhora; porque era minha esposa que cuidava deles. E, além disso, temo que a senhora já tenha se esquecido dos passarinhos e se sinta incomodada com eles.

Torno a dizer mais uma vez: por causa dos cuidados da minha esposa é que os canários puderam viver até hoje – assim como as minhas recordações da senhora. Por isso, minha senhora, desejo sacrificar estes canários para que acompanhem a minha esposa. Pois não se trata apenas das recordações. Por que me foi possível amar alguém como a senhora? Não teria sido porque minha esposa estivesse sempre comigo? Ela fez com que eu pudesse me desligar totalmente das preocupações do meu cotidiano. Fez com que eu pudesse viver sem olhar para a metade desta atribulada convivência humana. Não fosse isso, estou certo de que teria desviado o meu olhar, ou teria ficado cabisbaixo diante de uma mulher como a senhora.

Cara senhora, consentirá que eu mate estes canários e os entere no túmulo da minha esposa, não é mesmo?

Árvores que nascem
árvores que crescem
árvores que envelhecem
crianças que nascem
meninas que crescem
mulheres que amadurecem
como se parecem!
Árvores com flores
mocinhas com brincos e batons
árvores com frutos
mulheres com bebês
árvores que espalham sementes
mães que encaminham seus filhos
como se parecem!

Árvore que sustenta
mãe que amamenta
árvore dá o berço
mãe dá o colo
árvore dá a sombra
mãe dá o colo
árvore dá a mesa
mãe dá o alimento
árvore dá o lápis
mãe dá o estudo
como se parecem!
Árvores e mulheres
sempre juntas na vida
do começo ao fim.

Maria Dantas, Árvores Mulheres
Hoje está triste, fraca, confusa,
bisonha e trágica, uma medusa.
Mais adiante, indiferente e meio vaga.
Segue tentando, vai melhorando.
Fica serena, robusta, amena.
Daí há pouco, um grito rouco.
Vai se alegrando num canto solto,
adocicando, leve, melando.
Fica feliz! Sorri, levita,
está sonhando?
Não, acordada.
Ela é atriz.

Lúcia Celeste Barbeta,
Cada dia uma poesia
Janela, porta e taramela
porta fechada
mas na janela, está ela
quem é não importa
o que importa é que é bela.
Porta taramela e janela
quarto escuro
onde estará ela?
Não importa o que importa
é que é bela
Cama, colchão e tapete

sentada na cama
sobre o colchão está ela
pés descalços no tapete. Oh
não deite-se, você é bela
pés, dedos e tapete
pés descalços, dedos no chão
no chão sobre o tapete
eu espero por ela,
que é bela.
Finalmente esqueci tudo
taramela, porta e janela
agora só penso nela
o quarto escuro
nada importa porque ela é bela

Se nada mais importa
deitei-me ao seu lado
toquei meus pés aos dos pés dela
vagamente lembrei do tapete
senti o colchão, e pensei nela,
como é bela
quando acordei, procurei
janela fechada, porta aberta
não a encontrei, deduzi
foi embora não pela janela
porta aberta sem taramela
foi-se, mas continua bela.
Rudolf Bickel, Fascínio